

## I

U Po Kyin, magistrado da região de Kyauktada, na Alta Birmânia, estava sentado na varanda de casa. Eram só oito e meia da manhã, mas do mês de abril, por isso reinava uma atmosfera pesada, prenunciando as horas longas e sufocantes que se seguiriam. As correntes de ar fracas e esporádicas, parecendo frescas por contraste, agitavam as orquídeas ainda húmidas, suspensas dos beirais. Para lá das orquídeas, via-se o tronco curvado de uma palmeira e depois o céu, de um azul-marinho intenso e brilhante. Muito acima, no zénite, tão lá no alto que olhar para ali encandeava, alguns abutres pairavam em círculos, sem um único bater de asas.

Sem pestanejar, como um grande ídolo de porcelana, U Po Kyin tinha o olhar perdido na luz feroz do Sol. Era um homem com cinquenta anos, tão gordo que já há vários anos não se conseguia levantar da cadeira sem ajuda, e, contudo, esta obesidade parecia graciosa e até bela, porque, ao contrário dos brancos, os birmaneses não ficam moles e inchados, mas engordam harmoniosamente como frutos amadurecendo. Tinha olhos dourados e um rosto amplo, amarelo, praticamente sem rugas. Os seus pés — rasos, de peito alto, com os dedos todos do mesmo tamanho — estavam nus, tinha descoberta a cabeça rapada e envergava um daqueles *longyis* arracaneses garridos, com quadrados verdes e magenta, que os birmaneses usam em situações informais. Mastigando bétele, que extraíra de uma caixa lacada sobre a mesa, pensava no passado.

Tivera uma vida com enorme sucesso. A primeira recordação de U Po Kyin era dos anos oitenta do século XIX; lembrava-se de, crian-

ça barriguda e nua, assistir à entrada vitoriosa das tropas britânicas em Mandalay. Recordava o terror que sentira perante aquelas colunas de homens imponentes, habituados a comerem carne de vaca, de rostos corados e casacos vermelhos, com as espingardas compridas sobre os ombros, bem como a marcha pesada e rítmica das suas botas. Desatara a fugir depois de os observar durante alguns minutos. Ingénuo como era, percebera que o seu próprio povo não conseguia rivalizar com esta raça de gigantes. Combater do lado dos ingleses, ser um parasita, fora a sua ambição principal, mesmo em criança.

Aos dezassete anos, candidatara-se a um cargo oficial, mas, sendo pobre e sem amigos, não conseguiu obtê-lo, pelo que se viu obrigado a trabalhar durante três anos nos bazares labirínticos e malcheirosos de Mandalay, ao serviço dos comerciantes de arroz, e por vezes roubando. Mas aos vinte anos, graças a um golpe de sorte e a uma chantagem, depois de receber quatrocentas rupias partiu imediatamente para Rangum para comprar um cargo oficial. Era um emprego lucrativo, embora o salário fosse baixo. Naquela época, uma rede de funcionários tinha encontrado uma fonte de rendimento estável na extorsão de armazéns do governo, e Po Kyin (naquela altura era só Po Kyin, o “U” honorífico veio mais tarde) encaixou facilmente neste esquema. Contudo, tinha demasiado talento para o desperdiçar em burocracias e latrocínios menores. Um dia descobriu que o governo, devido à falta de funcionários de segunda categoria, ia fazer novas nomeações. Este dado viria a público na semana seguinte, mas uma das características de Po Kyin era ter acesso à informação uma semana antes dos outros. Viu a oportunidade e denunciou os cúmplices antes de estes sequer perceberem que estavam em risco. A maioria foi detida, tendo Po Kyin sido nomeado ajudante de um alto funcionário como recompensa pela honestidade demonstrada. Desde então, as promoções nunca mais pararam. Agora, aos cinquenta e seis anos, era magistrado do distrito e provavelmente iria ser promovido mais uma vez, para o cargo de comissário-adjunto; nessa altura teria ingleses entre os seus pares e até como subordinados.

Como magistrado, os seus métodos eram simples. Por muito avultado que fosse o suborno oferecido, nunca venderia a decisão de um caso; sabia que qualquer magistrado que tome más decisões é

apanhado mais cedo ou mais tarde. Em vez disso, aceitava subornos de ambas as partes e depois decidia o caso tomando em consideração fundamentos estritamente legais, um procedimento muito mais seguro. Esta atitude garantiu-lhe uma reputação útil de imparcialidade. Além do rendimento assegurado pelas partes em litígio, U Po Kyin cobrava um imposto permanente, uma espécie de esquema fiscal privado, a todas as aldeias sob a sua jurisdição. Quando alguma aldeia falhava o pagamento, U Po Kyin recorria a medidas punitivas: o lugar era atacado por bandos de malfeitores, os aldeões mais destacados eram detidos sob falsas acusações e por aí adiante. Isto garantia o pagamento a curto prazo. Além disso, partilhava a receita dos roubos importantes realizados no distrito. Quase toda a gente sabia disto, menos os funcionários superiores de U Po Kyin (nenhum funcionário britânico acreditará em informação contra os próprios homens), mas as tentativas de o expor falhavam invariavelmente; tinha demasiados apoiantes, de lealdade assegurada por uma porção dos rendimentos. Quando era acusado de alguma coisa, U Po Kyin lançava em descrédito estas acusações com uma sucessão de testemunhas subornadas, reforçando a sua posição com contra-acusações que o deixavam mais poderoso do que antes. Era praticamente invulnerável; graças à sua capacidade para avaliar as pessoas, nunca optaria por uma estratégia errada; além disso, por estar tão imerso em intriga, nunca fracassaria por descuido ou por ignorância. Poder-se-ia dizer com certeza quase absoluta que nunca seria apanhado, que viveria de sucesso em sucesso, até morrer por fim, rodeado de honrarias e com uma fortuna considerável.

Mesmo depois de U Po Kyin estar morto e enterrado, o seu sucesso continuaria. De acordo com as crenças budistas, aqueles que praticaram o mal passarão a encarnação seguinte como ratazana, rã ou outro animal desprezível. U Po Kyin era um bom budista e tentava tomar providências para evitar este perigo. Dedicaria os seus últimos anos às boas ações, de modo que o mérito destas suplantasse o peso negativo do resto da sua vida. Provavelmente, estas boas ações teriam a ver com a construção de templos. Quatro templos, cinco, seis, sete — os sacerdotes dir-lhe-iam quantos —, com alvenaria, coberturas douradas e campainhas tilintando ao vento, cada tilintar uma oração. E regressaria à terra como homem — uma

mulher tem um estatuto tão baixo como uma ratazana ou uma rã — ou, no pior dos casos, enquanto animal com alguma dignidade, como um elefante.

Estes pensamentos fluíam rapidamente pela cabeça de U Po Kyin, na sua maioria em imagens. O cérebro dele, embora astucioso, era bastante bárbaro, funcionando apenas se houvesse um fim específico em vista; era incapaz de meditar em abstrato. Naquele momento chegara ao ponto para o qual os seus pensamentos se encaminhavam. Pousando as mãos pequenas e triangulares sobre os braços da cadeira, olhou para trás e chamou, com a voz um pouco fanhosa:

— Ba Taik! Ei, Ba Taik!

Ba Taik, o criado de U Po Kyin, emergiu através da cortina de contas da varanda. Era um homem baixo, bexiguento, e com uma expressão tímida e quase faminta. U Po Kyin não lhe pagava um salário, porque ele era um ladrão condenado; bastaria uma só palavra do amo para que o levassem para a prisão. Ao avançar, Ba Taik fazia vénias tão fundas que dava a impressão de recuar.

— Santíssimo deus? — indagou.

— Está aí alguém para falar comigo, Ba Taik?

Ba Taik enumerou as visitas, contando pelos dedos:

— Estão: o chefe da aldeia de Thitpingyi, com presentes, e dois aldeões acusados de agressão num caso que será julgado pelo meu honrado senhor, e estes também trazem presentes. Ko Ba Sein, o funcionário principal dos escritórios do comissário-adjunto, quer falar consigo, e também Ali Shah, agente de polícia, bem como um bandido que não sei como se chama. Parece que se envolveram numa discussão sobre umas pulseiras de ouro que roubaram. E também está ali uma rapariga da aldeia com um bebé.

— Que quer ela?

— Diz que o bebé é seu filho, santíssimo senhor.

— Ah! É quanto é que o chefe da aldeia trouxe? — perguntou U Po Kyin.

Ba Taik pensava que eram só dez rupias e um cesto de mangas.

— Diz a esse chefe — retorquiu Po Kyin — que deviam ser vinte rupias e tanto ele como a aldeia dele estarão em maus lençóis se o dinheiro não chegar aqui amanhã. Vou já receber os outros. Manda o Ko Ba Sein entrar.

Ba Sein não se fez esperar. Era um homem extremamente direito, de ombros estreitos, muito alto para birmanês, com um rosto surpreendentemente liso que fazia lembrar um pudim de café. U Po Kyin considerava-o um instrumento útil. Trabalhador e sem imaginação, era um funcionário excelente, e o Sr. Macgregor, o comissário-adjunto, confiava-lhe a maior parte dos segredos oficiais. U Po Kyin, bem-disposto graças aos pensamentos anteriores, cumprimentou Ba Sein com uma gargalhada e apontando para a caixa de bétele.

— Então, Ko Ba Sein, como vai o nosso caso? Espero que, como o caro Sr. Macgregor diria, esteja tudo “a correr pelo melhor”?

A piadinha não fez Ba Sein sorrir. Sentando-se rigidamente na cadeira vaga, respondeu, muito direito:

— Otimamente, senhor. O nosso exemplar do jornal chegou esta manhã. Faça o favor de ver.

Estendeu-lhe um exemplar de um jornal bilingue chamado *O Patriota Birmanês*. Era um pasquim triste, de oito páginas, criminosamente impresso num papel tão mau como mata-borrão e composto em parte por notícias roubadas da *Gazeta de Rangum*, em parte por gabarolices nacionalistas desprovidas de interesse. Na última página ocorrera um problema de impressão que cobrira a negro toda a folha, como que em sinal de luto pela escassa circulação do jornal. O artigo que atraiu a atenção de U Po Kyin tinha um cariz diferente dos outros. Dizia o seguinte:

Nestes tempos felizes, durante os quais nós, pobres negros, estamos a ser educados pela poderosa civilização ocidental, com as suas diversas bênçãos, como o cinematógrafo, as metralhadoras, a sífilis, etc., que assunto poderia ser mais inspirador do que a vida privada dos nossos benfeitores europeus? Deste modo, achamos que os nossos leitores podem ter interesse em ler sobre os acontecimentos no distrito de Kyauktada. E especialmente sobre o Sr. Macgregor, o honrado comissário-adjunto desse distrito.

O Sr. Macgregor pertence à estirpe do Antigo Cavaleiro Inglês, de que, nos dias que correm, conhecemos tantos exemplos. É um “homem de família”, como os nossos caros primos ingleses costumam dizer. O Sr. Macgregor é de facto um grande homem de família.